

Alta do petróleo cortará pagamento a bancos

SILVIA FARIA
Enviada especial

WASHINGTON — A continuidade da crise no Golfo Pérsico e a manutenção de preços elevados do petróleo terão duas consequências graves sobre a economia brasileira, segundo disse ontem a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello: no plano externo, o País terá que reduzir o pagamento de seus compromissos, por causa do desequilíbrio de seu balanço de pagamentos (contas externas). Internamente, o Governo poderá ser forçado a ajustar os preços dos combustíveis.

Mas a Ministra ressaltou que não acredita na sustentação dos preços do petróleo nos níveis atuais, que em sua opinião refletem a incerteza generalizada. Por isso, ela recomenda tranquilidade enquanto se aguardam os acontecimentos, e evita falar em racionamento. Ela observou que eventuais dificuldades para fechar um acordo com os bancos não afetarão o programa de estabilização.

Ao fazer um balanço de sua viagem a Washington, onde participou da reunião anual do FMI e Banco Mundial, Zélia disse que foram obtidos importantes avanços, como a fixação da data do início das negociações com os bancos privados — o dia 10 de outubro — e o “pontapé inicial” nos entendimentos com os credores oficiais, no âmbito do Clube de Paris. As negociações com o Clube começarão assim que o FMI aprovar a carta de intenção do Brasil, o que, acredita a Ministra, deve ocorrer em breve, após concluído o relatório da equipe técnica.

Ele disse que acertou uma carteira de empréstimos do Bird, da ordem de US\$ 1 bilhão, para o ano fiscal de 91, sendo US\$ 250 milhões para o BNDES; US\$ 100 milhões para a Finep; US\$ 350 milhões para a área social; e US\$ 150 milhões para a hidrelétrica de Segredo. Ontem, ela assinou um financiamento de US\$ 267 milhões para o Programa de Saúde no Nordeste.

Junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), há possibilidades de novos créditos para o programa de privatização, segundo a Ministra. Ela disse que a prioridade, no caso do Banco Mundial, é reavaliar toda a carteira, porque no passado foram tomados empréstimos em demasia, que trouxeram problemas fiscais (necessidade de recursos em

são do esforço brasileiro de ajuste econômico, depois dos encontros que teve com Ministros das Finanças presentes na reunião do FMI/Bird. Ela classificou de muito produtiva sua conversa com o Diretor-Gerente do FMI, Michel Camdessus, assim como com o Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady. Segundo Zélia, seus interlocutores foram informados de que a continuidade da crise no Golfo Pérsico exigirá revisão de metas sobre o desempenho da economia brasileira, no âmbito do acordo com o Fundo (a previsão é de revisão em novembro):

— A persistir esse problema, teremos que rever as nossas projeções e isso significará menor disponibilidade de transferências de recursos para o exterior. Não há dúvida nenhuma sobre isso — afirmou a Ministra. Sobre o plano interno, Zélia disse que o Brasil terá posição absolutamente realista.

— Não vamos, em nenhum momento, nos enganarmos ou enganarmos a sociedade brasileira. Se o preço do barril permanecer neste patamar, isso deverá significar aumento do preço interno.

Em 10 de outubro, o Brasil levará aos credores privados dois cenários possíveis para a economia brasileira, segundo Zélia. O primeiro, considerando a estabilização da situação atual; o cenário, mais restritivo, projeta agravamento da situação econômica, decorrente da crise no Golfo. Segundo a Ministra, o País é muito afetado porque mantém laços estreitos de comércio e investimentos na região da crise e isso será colocado aos bancos de forma transparente, para que avaliem a situação.

Ela disse que os “recados” enviados pelos bancos através da imprensa não chegam a criar clima que altere a posição brasileira e que em momento algum ouviu qualquer apelo ou imposições das autoridades com quem se encontrou para que o Brasil pague os juros em atraso devidos aos bancos privados:

— Ouvi reiteradas manifestações de apoio ao programa de estabilização, do esforço e coragem do Governo brasileiro, de promover o ajuste interno — disse Zélia.

As negociações deverão ocorrer nos dias 10, 11 e 12 de outubro, em duas etapas divididas entre a apresentação detalhada do programa econômico e da proposta de negociação, que envolve os juros atrasados e mecanismos de redução do estoque da dívida. Informou também que o Bra-



Zélia Cardoso de Mello e Shahid Husain, Vice-Presidente do Bird, assinam o acordo de crédito de US\$ 267 milhões

Telefoto Reuter

Depois ou nunca

EXISTEM duas razões para que não se pague uma dívida: falta de vontade e falta de dinheiro.

BANCOS credores e instituições internacionais estão se comportando face ao Brasil, no momento, como se nos faltasse a vontade.

A MINISTRA Zélia Cardoso de Mello está insistindo — e provando, com números — que o caso é outro. Simplesmente, não temos os dólares.

A DIFERENÇA é fundamental: significa, para os credores, que terão de escolher entre ter paciência para receber depois, ou se recusar a entender a realidade de hoje e não receber jamais.